XVII CONBRACE
IV CONICE 2011
11 A 16 SET | PORTO ALEGRE
CIÊNCIA & COMPROMISSO SOCIAL
IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

TEMPO LIVRE E ESPAÇOS PARA O LAZER NA VILA HOLÂNDIA-SÃO PAULO 1

Sílvia Cristina Franco Amaral
Henrique Okajima Nakamoto
Ana Paula Cunha Pereira
Carolina Gontijo Lopes
Flávia Cruz dos Santos
Olívia Cristina Ferreira Ribeiro
Deise Miki Kikuchi
Rafael Stein Pisani
Gisela Maria Brustolin

RESUMO

Este artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa que investiga os usos do tempo livre na Vila Holândia – Campinas – SP. Partimos do pressuposto de que a expansão da exploração do solo pela iniciativa privada produziu perda de vida comunitária referente aos espaços antes destinados à fruição do tempo livre e os espaços para o lazer no local. Porém, considerando que, inicialmente, não era possível dimensionar o quanto os moradores enxergavam a exploração imobiliária que vinha ocorrendo nos últimos anos, na Vila e em seu entorno, como expropriadora de seus espaços, procuramos, justamente, compreender as percepções locais acerca de tais transformações.

Palavras-Chave: *Tempo livre; práticas corporais; apropriação*

ABSTRACT

This article presents partial results of a study that investigates the free time usage in Vila Holândia - Campinas - SP. We assume that the expansion of land usage by the private sector produced loss of community life on the spaces before designated for the enjoyment of free time and leisure spaces. However, considering that initially it was not possible to know the residents view about the building expansion that had been occurring in recent years in the village and its surroundings, our goal is to understand local perceptions about such transformations.

---

[1] Pesquisa financiada pela FAPESP. E-mail para contato: scfa@fef.unicamp.br

Endereço: UNICAMP - Faculdade de Educação Física
Avenida Érico Veríssimo, 701 - Cidade Universitária Zeferino Vaz - Barão Geraldo
13.083-851 - Campinas - São Paulo - Brasil - Caixa Postal 6134

Key-Words: *Free time; bodily practices; appropriation.*

RESUMEN

Este artículo presenta los resultados parciales de un estudio que investiga el uso del tiempo libre en Vila Holandia - Campinas - SP. Suponemos que la expansión del uso de la tierra por el sector privado, produjo una pérdida de la vida comunitaria en los espacios antes utilizados para el disfrute del tiempo libre y los espacios del ocio. Sin embargo, considerando que inicialmente no fue posible conocer la opinión de los residentes en la expansión de los edificios que había estado ocurriendo en los últimos años, tenemos por objetivo, precisamente, comprender las impresiones locales acerca de tales transformaciones.

Palabras-Clave: *Tiempo libre; prácticas corporales; apropiación.*

> A história nos mostra que a compreensão do processo de formação e qualificação do distrito (de Barão Geraldo, do qual a Vila Holândia é parte) obedece a um conjunto bastante variado de interpretações. [...]de forma metafórica, o distrito de Barão Geraldo (desenvolveu-se) como um conjunto de três cidades que se sobrepõem no espaço e no tempo atual. As cidades são vistas como espaço simbólico e, também, como espaço dinâmico, como uma paisagem em construção permanente. (CALDEYRO, 2005 – grifos nossos)

Ao estudar um pequeno bairro da cidade de Campinas, localizado no distrito de Barão Geraldo, denominado Vila Holândia, sabíamos que estaríamos olhando para uma situação singular, porém que encerra características recorrentes aos usos do tempo livre, e a apropriação ou desapropriação dos espaços para este fim, similares a de outros bairros de Campinas e de outras cidades brasileiras. Desta forma, desenhamos nossa investigação procurando compreender a tessitura que constrói os usos do tempo livre naquele local.

Neste texto apresentamos os dados advindos dos questionários aplicados a cem moradores do bairro, que representam com suas respostas a opinião de suas famílias ou daqueles que residem com eles, dialogando também com os cadernos de campo de cada um dos pesquisadores que se envolveu naquela etapa da pesquisa.

No questionário buscamos captar qual a visão nativa a respeito dos usos do tempo livre e comprovar ou refutar nossa suposição inicial, qual seja, de que nas últimas décadas houve um avanço da

exploração imobiliária que mudou as formas dos usos do tempo livre daquela população e os espaços de lazer, fazendo com que alguns fossem desapropriados, outros apropriados de outras formas e ainda outros continuassem a ter a mesma apropriação de antes.

Discutimos tais dados sustentados pela metáfora da urbanização proposta por Caldeyro (2005), presente na nossa epígrafe. Segundo a autora a forma de ocupação do solo em Campinas, em especial em Barão Geraldo, se desenvolveu e hoje se mistura, em três cidades metafóricas: a sanitarista, a tecnológico-ambiental e a cidade imobiliária. Além disso, temos presentes a categoria da apropriação e desapropriação como importante para tratarmos os usos do tempo livre, não o tendo apenas como ocupação de espaço físico, sem a presença e vontades humanas.

Um olhar panorâmico sobre a Vila Holândia

Situada à margem da Estrada da Rhodia, a seis quilômetros do centro de Barão Geraldo, a Vila Holândia é composta por três pequenas ruas, Caieiras, Cerquilho e Servidão. A servidão tem um prolongamento no qual predominam pequenos sítios. Ainda está preservado o espaço onde antes existia uma fábrica de um grupo holandês.

À frente, na outra margem da estrada, encontra-se um loteamento aberto, que ao início de nosso interesse pela Vila Holândia, tinha poucas casas, e que hoje, após menos de três anos, encontra-se quase totalmente construído. Foi destinada uma área no referido loteamento para o lazer, árvores foram plantadas, foi edificada uma espécie de pista de caminhada e no centro da praça construída uma praça de brinquedos. Contudo, em nossas observações raramente encontramos alguém usufruindo deste espaço.

Após o loteamento, há a sede da antiga fazenda que deu origem a vários condomínios fechados no entorno da Vila Holândia, que hoje é o Casarão do Barão[2]. Depois deste o "tancão", assim denominado pelos moradores da Vila Holândia. O tancão era um espaço de lazer bastante apropriado pelos moradores no passado segundo relatos de uma moradora, disse ela " tomávamos banho, pescávamos, passávamos nossas tardes de sábado e domingo". Hoje ainda podemos encontrar pescadores, mas o local é mais utilizado por grupos usuários de drogas e, em raras ocasiões, é possível encontrar pessoas utilizando o local para fazer churrasco. Porém, segundo relato de outra moradora da Vila Holândia o local está tão poluído quanto o Rio Anhumas, que corre entre a Vila Holândia e a Mata do Quilombo carregando consigo poluentes da cidade de Campinas.

Aos lados da Vila Holândia, condomínios fechados e, atrás, a Mata do Quilombo. Em relação à mata, após várias denúncias durante o ano de 2007 e 2008, de que agricultores haviam arrendado terras ao lado da mata para plantar cana-de-açúcar e a estavam destruindo-a com pesticidas e queimadas, no ano de 2010, nos deparamos com a seguinte notícia:

[2] O Casarão do Barão é um centro cultural que foi doado pelo empreendimento imobiliário que loteou as terras da antiga fazenda à prefeitura de Campinas. Este empreendimento criou pelo menos quatro condomínios fechados, que em média possuem cada um de duzentas a trezentos lotes de 300 a 500 metros quadrados.

> O Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas (Condepacc) decidiu transformar a Mata da Vila Holândia — ou Mata do Quilombo, como também é conhecida — em patrimônio de **Campinas**. Com 32,5 hectares, a mata é o segundo maior fragmento vegetal do distrito de Barão Geraldo, menor apenas que a Mata de Santa Genebra, que tem 250,36 hectares. O fragmento é remanescente de cerrado, raro na região. Com a decisão do Condepacc, Campinas passa a ter 704,9 hectares de matas protegidas por tombamento.
>
> A decisão de tornar a mata um patrimônio da cidade, informou a responsável pela Coordenadoria Setorial do Patrimônio Cultural (CSPC), Daisy Ribeiro, deve-se à sua importância. Ela contribui com 7,7 % da área total dos fragmentos de mata da Bacia do Ribeirão Anhumas e tem recantos de beleza natural nos trechos mais preservados. Apesar de estar ao lado da movimentada Estrada da Rhodia, de ter um gasoduto passando no seu interior e ficar ao lado de uma estação de tratamento de esgoto, ela tem várias espécies de animais em seu interior. (COSMO ON-LINE 18/09/1020)

Atemos-nos a notícia, pois a Mata foi e ainda é referência de espaço para o tempo livre dos moradores da Vila Holândia. Também, porque hoje, para quem olha os arredores da Vila Holândia, tal espaço nos remete a idéia de resistência ao processo de loteamento de terras para a construção de empreendimentos imobiliários. Segundo dados dos questionários aplicados 24 representantes de família responderam que utilizavam aquele espaço em seu tempo livre, 17 declaram ainda utilizar e 4 que gostariam de utilizar desde que assegurada suas segurança e integridade física. Dentre as atividades que os moradores lá praticavam e praticam sobressai-se a caminhada. Contudo, há declarações que remetem à perda paulatina deste local para este fim. “Hoje na Mata só tem carrapato e bandido, é muito perigoso ir lá”(declaração de um morador ao responder ao questionário)

Outro espaço que nos passava idéia de resistência, ao começo de elaboração desta pesquisa, é a rua. Verificamos que estas eram locais de encontro, bem movimentadas aos finais de semanas, com crianças e adultos conversando, brincando e circulando, o que revelava a existência de uma vida comunitária ainda significativa. Note-se isto nestas passagens

O grupo de crianças que estavam em quatro, três meninas maiores e um menino mais novo, brincavam de dançar na calçada em frente à casa do salgado e elas mesmas cantavam. (5 de junho de 2010)

As crianças da casa 144 terminaram o salgado e voltaram para rua. Pegaram suas bicicletas e começaram a disputar quem era mais rápido ocupando a rua, não só os cantos, mas o meio da rua (6 de junho de 2010)

Dois meninos de aproximadamente seis anos, saíram de casa e ficaram sentados na calçada. Depois, mais dois meninos subiram a rua carregando uma bola e apenas um voltou mais tarde. Esse ao

passar em frente à Igreja "São Pedro" fez referência ao sinal da cruz e continuou correndo. (6 de junho de 2010)

Além das ruas, outros espaços parecem constituir pontos importantes para essa dinâmica social local, tais como o "Centro Cultural Casarão do Barão", a "Fazenda Quilombo", diversos bares, um clube, duas igrejas, uma Católica e outra Evangélica, campos de futebol, a "Escola Estadual Francisco Álvares".

Interessante notar que em todos os mapas disponíveis para consulta pela internet, e segundo dados da sub-prefeitura de Barão Geraldo, a Vila Holândia ainda é considerada um bairro rural. Contudo, o caminho físico que percorremos até chegar à Vila oferece elementos importantes para compreendermos as transformações que a mesma tem sofrido nos últimos anos, constituindo um cenário de aparente expropriação dos espaços de convívio comunitários e de uma urbanização que em nada lembra mais uma zona rural. Entramos na "Estrada da Rhodia" em Barão Geraldo, indo em direção à Vila Holândia e, em poucos metros no trajeto surgem *outdoors* que anunciam a exploração imobiliária local, por meio de promessas que não parecem ser direcionadas aos moradores da Vila. São propagandas que anunciam condomínios fechados, com espaços de lazer privativo, clubes completos, etc.

A chegada dos novos moradores dá ao local uma inserção significativa na internet, como foi constatado na ação denominada "mapeamento virtual", realizada em novembro de 2008 por integrantes do grupo de pesquisadores envolvidos. A ação consistiu em analisar os resultados da busca pelo termo "Vila Holândia" no endereço www.google.com.br. As dez primeiras páginas de resultados foram analisadas, cada uma contendo *links* para outras dez, estas relacionadas com a Vila Holândia. Podemos afirmar que os principais tópicos encontrados na pesquisa foram: a venda de imóveis em páginas de imobiliárias e a preservação ambiental da mata nativa da região, em projetos de educação ambiental, pesquisas de catalogação de espécies e notícias sobre ações de tombamento. Tais temas, por sua vez, parecem constituir pólos opostos de tensão, uma vez que a degradação ambiental, vinculada ao lixo que é jogado pelos próprios moradores da comunidade e à sujeira que o rio traz após atravessar toda a cidade, tem relação também com a devastação causada pela expansão urbana.

Estes dados nos permitem pensar e acatar a tese de Caldeyro (2005) que nos explica a forma como o distrito de Barão Geraldo foi sendo construído, habitado e teve seu *boom* de crescimento.

A autora defende que em meados do século XX, o que dominava a paisagem de Barão Geraldo eram duas fazendas de Café, a Fazenda Rio das Pedras e a Santa Genebra, entre elas pequenas propriedades de imigrantes italianos e portugueses conviviam imprimindo ao cenário uma lógica de "cumplicidade familiar, redes sociais de compadrio" (CALDEYRO, 2005, p.18).

Entretanto, a ordem das cidades se inverteu quando do surto da febre amarela e, por volta de 1930, os centros das principais cidades brasileiras, sendo Campinas uma delas, promoveu um projeto urbanístico sanitarista que acolheu os de maior poder aquisitivo e expulsou a classe trabalhadora para as periferias. Assim, no bairro de Barão Geraldo, foi sendo formado um subúrbio. Segundo Caldeyro

a formação do subúrbio popular se constituía a partir de loteamentos que vinham sendo realizados pelos sitiantes, ao contrário daqueles empreendidos para as camadas de maior poder aquisitivo em Campinas, eram realizados pelos próprios agricultores que não podem ser confundidos, neste momento com a figura do *capitalista*, do empreendedor imobiliário" (2005, p.20).

A autora também informa que este parcelamento de propriedades foi alimentado mais ainda com a instalação da Rhodia, em 1942 e pela chegada da luz, em 1953. Porém, um salto populacional bastante significativo em Barão Geraldo se deu com a construção da cidade universitária da Unicamp, na década de 1960. Tal fato impulsionou o que autora denominou de cidade tecnológica e que carregou consigo o desenvolvimento da cidade imobiliária. Caldeyro afirma que a Unicamp se instalou e, por ser um centro de excelência acadêmica, em especial, em tecnologia, trouxe consigo a geração de fluxos de pessoas, financeiros e de conhecimento. A cidade universitária-tecnológica alavancou a cidade imobiliária, pois "a dinâmica acadêmica foi qualificando a ocupação, definindo uma certa especificidade de bairro universitário. Além de alta escolaridade e renda, esse bairro que, aparentemente se apresenta como residencial em sua tipologia homogênea, supera o centro, em inscrições de ISS" (2005,p.24).

Ou seja, para que a Unicamp se desenvolvesse imediatamente surgiram dois grandes loteamentos – a cidade universitária I e II. As terras da Unicamp haviam sido doadas pelo proprietário da Fazenda Rio das Pedras, que também doou área para a construção do Centro Médico. Isto foi uma excelente jogada imobiliária, já que a produção da fazenda já não ia bem. A Unicamp e o Centro Médico estimularam instalação de outras tantas empresas seja de serviços, de projetos ou de produção em diversas áreas.

Houve um grande crescimento populacional de Barão Geraldo, mas associado à camada de maior poder aquisitivo. Naquele tempo a Vila Holândia ficou à margem deste movimento. Barão Geraldo, a partir de então, cresceu "baseado em novos negócios para as camadas de médio e alto padrão, o distrito se insere na lógica dos movimentos imobiliários da região metropolitana. A modernidade e a técnica de se construir cidades formulam o desenho de Barão Geraldo sobre a lógica da especulação" (CALDEYRO, 2005, p.32).

A especulação imobiliária em Barão Geraldo, até o final da década de 1990, ainda permitia uma mescla de uma paisagem urbana com o rural, e a Vila Holândia ainda preservava em seu entorno grandes espaços de paisagem rural. Entretanto, nos anos 2000 as pressões por novos empreendimentos e os jogos políticos[3] foram cedendo lugar à expansão de um novo modelo urbanístico, importado dos norte americanos. Trata-se das "*edge cities*", ou condomínios em contato com a natureza. Tais empreendimentos vendem a promessa não somente de natureza vasta ao redor, mas de segurança e lazer. Segundo Rolnik *apud* Caldeyro "a manutenção da distância do outro nos condomínios também está relacionada à distância com as negociações cotidianas, lobbies ou guerras de influência na determinação das prioridades orçamentárias a fim de garantir um funcionamento urbano pleno (polícia, limpeza pública, manutenção, etc)" (2005, p.79). O que ocorreu no entorno da Vila Holândia foi a explosão de condomínios pautados nesta perspectiva norte-americana.

[3] (Correio Popular, Zoneamento torna Campinas "colcha de retalhos", 29.8.2004)

Este tipo de iniciativa foi a resposta das classes sociais de poder aquisitivo mais elevado à crescente violência urbana, porém a exclusão do outro, também parece excluir a diversidade do convívio com a diferença. As classes sociais de menor poder aquisitivo, desta forma, foram jogadas a própria sorte. Isto é percebido pelos moradores da Vila Holândia, dizem eles "O Progresso chegou. Tirou o sossego. Há mais preocupação por causa das casas." "Dois lados da moeda: desenvolvimento econômico da região e aumento da marginalidade". Além das falas dos moradores é possível perceber esta divisão clara entre segurança e insegurança na seguinte notícia:

> 25/02/2008 A escalada da violência na Vila Holândia, um pequeno vilarejo do Distrito de Barão Geraldo, faz com que os seus moradores antigos passem a chamar o local de a "Vila do Medo". O estopim da indignação da população contra a falta de policiamento no bairro foi o assassinato do comerciante Ataliba Francisco Silva, 66 anos, atingido no sábado, às 21h15, com um tiro no peito dentro do seu bar, na Rua Caieiras, uma das duas vias do bairro, localizado às margens da Estrada da Rhodia, próximo à divisa com Paulínia. O autor dos disparos teria entrado no estabelecimento usando um capacete e atirou contra a vítima, que foi socorrida, mas não resistiu aos ferimentos. A polícia trabalha com duas hipóteses para o crime: o latrocínio (roubo seguido de morte) ou o assassinato por vingança. Há cerca de dois anos, desde a expansão de empreendimentos residenciais na região, os crimes começaram a se tornar freqüentes e assustar as pessoas que vivem há décadas na Vila Holândia. Porém, segundo os moradores, a presença da polícia continua praticamente nula, transformando o local em uma "terra de ninguém". (Último Segundo)

Caldeyro afirma que a produção dos espaços urbanos não segue mais a lógica sanitarista do início do século XX, hoje o que define o consumo "é a busca pela melhor acessibilidade e está relacionada com o menor tempo de deslocamento e equipamentos de comércio e serviços".(2005, p.80). Barão Geraldo e a área da Vila Holândia são dotados destas externalidades positivas, ou seja, há várias empresas de grande porte próximo ao local, um sistema viário que dá acesso a diversas cidades da Região Metropolitana de Campinas e a bairros da própria cidade. Há também um exponencial aumento de estabelecimentos comerciais de diversos setores e uma necessidade crescente pelo serviço doméstico e da construção civil. Tal fato é percebido pelos moradores da Vila Holândia como positivo, afirmam eles "achamos bom ter os condomínios, pois trouxe progresso à região, empregos, padaria", entretanto, outros percebem que este progresso trouxe também exploração, afirmam "As mesmas coisas, só cresceram o bairro da frente (condomínios) e trouxe ônibus que passa pela Vila trazendo insegurança pras crianças e assaltos, nada de novo pra nós".

Segundo Amaral (2003)

> Tomando emprestada uma metáfora usada por Calvino a respeito das cidades, em seu livro "Cidades Invisíveis", é possível esboçar alguns destes desafios. Diz ele: "as cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos" (1990 p. 11). Os muros que as cercavam, na Antigüidade, e os atuais condomínios fechados são reflexos deste medo. Nesta perspectiva, o inimigo está do outro lado do muro, sempre reinventado, para garantir os que podem transformar o medo em necessidade e o desejo em separação. Nas últimas décadas do século XX e começo do século XXI, este medo agravou-se, formando uma segregação social cada vez mais radical, a qual configura-se especialmente nos grandes centros urbanos, porém não mais somente restrito a eles, uma "zona selvagem" em confronto com uma "zona civilizatória" (GENRO,1999). (p.2)

Esta nova dinâmica de ocupação de espaço e de fluxos na região da Vila Holândia trouxe uma mudança substancial à vida dos que lá residem, parece haver "dois lados da moeda" (fala de uma moradora), o que nos levou a querer entender o que esta dinâmica proporcionou de mudanças nos usos do tempo livre naquele local. O que é tempo livre para os moradores? Como era este tempo para eles em décadas anteriores e como é hoje? Quais locais eram e são significativos para fruição deste tempo? Como eles se apropriavam dos espaços de lazer, como eles se apropriam hoje e quais espaços foram desapropriados? O que desejam para este tempo os moradores da Vila Holândia?

Os moradores, o tempo livre e espaços para o lazer – ontem e hoje

> 4 de junho de 2010
>
> Dirigindo-me a Vila Holândia com uma bicicleta pela estrada da Rhodia percebi que os bares estavam vazios, a padaria da Vila estava cheia, oito homens bebendo cerveja. Cheguei a Vila Holândia às quatro horas da tarde, o dia estava nublado, com temperatura boa, agradável para ficar na rua e lembro que hoje é sexta-feira depois do feriado de Corpus Christi que foi ontem, quinta-feira. Na chegada observei que na rua Cerquilho não havia pessoas na rua e por isso fui a rua Caieiras e permaneci todo tempo lá. Nela já havia algumas pessoas na calçada, crianças na rua e alguns jovens. Duas senhoras passavam por ali para realizar caminhada, suponho que próximo ao casarão devido o rumo que ambas seguiram. No início da Caieiras, próximo a estrada da Rhodia, havia 4 crianças que brincavam pela calçada, eram irmãos ou parentes. Uma menina mais velha brincava e cuidava dos outros. No final da rua tinha duas meninas andando de bicicleta, andavam pela rua sem preocupação com a passagem de carros e motos. Pararam quando outros colegas, também com 6, 7 anos ganharam moedas de

> alguns adultos e foram todos comprar "balas" e "salgados" na própria Caieiras em uma casa. Enquanto comiam ficaram sentados na calçada. Na esquina do Braga tinha muitos jovens, uns sete entre 20 e 30 anos, alguns com motos e outros com bicicleta, ficavam conversando na calçada e na rua. Algumas mulheres passavam, mas não pararam.

Essa passagem de um dos nossos cadernos de campo denota uma dinâmica bastante habitual na Vila Holândia, que revela uma vida pouco comum no cotidiano das grandes cidades.

Quem são os moradores da Vila Holândia? O que fazem profissionalmente? Qual é a renda mensal de cada família? Quantos moradores há por casa? Há quanto tempo residem na Vila Holândia? Estes dados objetivos são importantes para situarmos a Vila Holândia no contexto metafórico que nos utilizamos para falar do desenvolvimento urbano e social.

Os moradores da Vila Holândia são na sua maioria trabalhadores assalariados. Trabalham em diversas funções sendo recorrente o emprego de empregada doméstica, jardineiro, metalúrgico, na Rhodia e um grande número de pessoas aposentadas. No geral a renda é pequena, mas necessária para a sobrevivência, sendo usual juntar famílias co-sanguíneas em um mesmo terreno. Encontramos também várias residências na Rua Servidão ainda aos moldes das pequenas propriedades que existiam no início da divisão de terras em Barão Geraldo, ou seja, no período denominado por Caldeyro de cidade sanitária. A Vila Holândia encerra em si a metáfora das cidades que se sobrepõe. Temos famílias e sua vizinhança que vive relações de compadrio, de ajuda mútua; temos repúblicas de pedreiros e serventes de pedreiro, de empregadas domésticas atraídos pelos novos empreendimentos do entorno; temos sítios de lazer – onde não encontramos ninguém, nas várias vezes que tentamos aplicar nosso questionário; temos casas de antigos trabalhadores da Rhodia que tiveram que sair de dentro da Vila da Rhodia quando esta foi extinta; temos pessoas que vieram atraídas pelo potencial crescimento da região e pela possibilidade de oferta de emprego; já houve casa em que havia república de estudantes da Unicamp.

Nos gráficos 1 e 2 podemos observar o tempo médio que as pessoas residem naquele local e o número de moradores por casa.

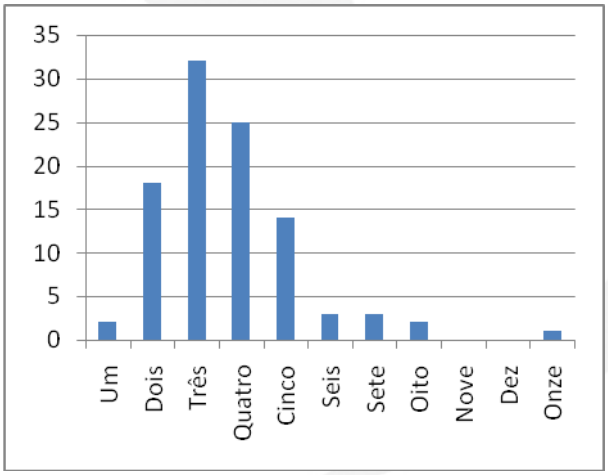

Gráfico 1- Número de moradores por casa.

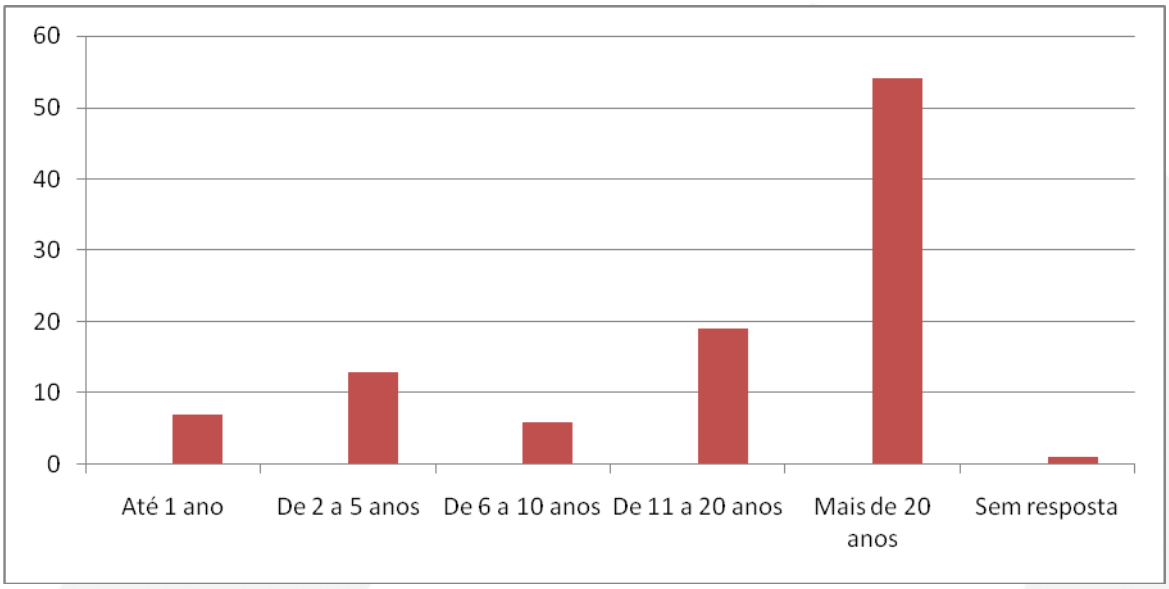

Gráfico 2- Tempo de residência na Vila Holândia.

Os moradores mais antigos são descendentes de italianos e portugueses ou pelo menos incorporaram seus hábitos, pois entre o que eles diziam fazer em seu tempo livre antigamente estão o jogo de bocha e as festas religiosas. Há uma população negra também presente, certamente fruto da abolição da escravatura, já que o que dominava o cenário em Barão Geraldo, no início do século XX, eram duas grandes fazendas cafeeiras, na qual havia a mais feroz escravidão da realidade brasileira. Também, como já afirmamos anteriormente há novos moradores no bairro, que não tem os mesmos hábitos dos antigos. Tal fato tem nos revelado que a Vila Holândia hoje é um pólo de conflitos entre moradores antigos, uma nova geração que descende destes e, sobretudo, com os novos moradores, os quais são denominados pejorativamente pelos antigos de "pernambucanos". Certamente, esta nova configuração de ocupação do bairro tem denotado novas formas de apropriação dos espaços de lazer e desapropriação de espaços antes caros aos moradores, como é o caso já citado da Mata Nativa.

Interessante perceber que mesmo nesta quadro de tensões ainda há uma vida associativa bem presente na Vila como pode ser notado na epígrafe desta parte do texto. Percebemos que os moradores tem relações associativas ainda bem presentes Dois trechos de cadernos de campo também ilustram isto: *"Realizei a entrevista com a Sr. Luci na casa da vizinha, na qual estava finalizando a entrevista [...] No fundo da sua casa, moram seus dois filhos que trabalham na Rhodia. Auxiliou no término da entrevista com a vizinha Idalina, a qual não é alfabetizada." "Ela é uma pessoa que quer sair da Vl. Holândia.*

Acha que tem muita fofoca por lá, um criticando o outro, da vida do outro. Tiveram problemas com seu terreno onde há vários moradores lá atualmente (44ª, 44B, 44) por motivos de separação, problemas de família, de loteamento no seu terreno. Está descontente por esses motivos. Ela disse que gosta do lugar em si, mas por causa desses problemas quer sair de lá. Disse que tinha festas no canavial, onde ela ia bastante mas agora não vai mais. Não sente segurança no lugar. Mas pareceu pra mim também que ela se sente meio sozinha lá, já que ela disse que várias pessoas se mudaram de lá e algumas amizades se foram."

Quando questionados sobre o que é tempo livre os moradores imediatamente falavam sobre as atividades que praticam neste tempo como assistir TV, descanso, diversão, lazer, tempo pra costurar e bordar, ficar no portão à tarde. Alguns tentavam esboçar um conceito identificando o tempo livre com a noção de tempo ocupado, disseram que é o tempo do final de semana; é um tempo que você não está trabalhando, quando está folgado, sem nada para fazer e se pode sair da rotina. Algumas respostas nos parecem marcante para pensarmos sobre o avanço das transformações hoje, são elas: "O ser humano não tem tempo livre, Lazer é tido como tempo livre, mas está ocupando o tempo de outra pessoa." E "Eu não tenho tempo livre, pois trabalho em casa e ajudo meu marido." "Tento colocar tempo livre dentro da rotina. Tem que ser programado" "Sim, eu tenho. Estou afastado da empresa, é horrível esse tempo livre, tempo ocioso, não trabalhar" "Como não sou registrado, acho que não tenho tempo livre." Ora, o tempo livre, no caso de algumas falas, está atrelado ao seu oposto, ou seja ao trabalho alienado e como diz Adorno (1995) escárnio dele mesmo, pois não conseguimos vislumbrar nas respostas o exercício da liberdade de escolha seja no trabalho ou em outras atividades de nossa vida como é o caso do lazer.

Outro ponto importante a ser considerado nesta análise dos questionários é o que os moradores fazem neste tempo que consideram livre, isto pode ser visualizado no gráfico a seguir:

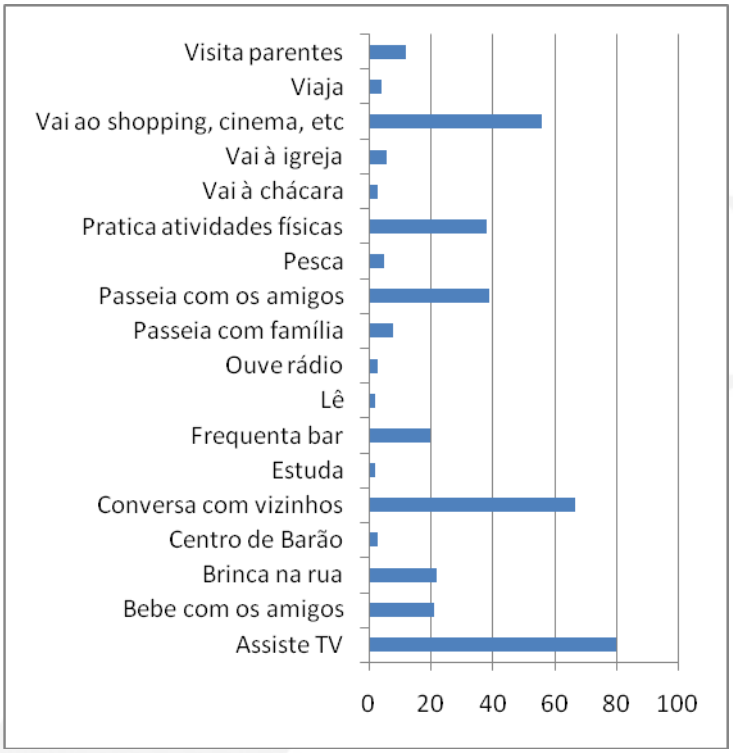

Gráfico 3- Atividades atuais de lazer dos moradores.

Interessante perceber que a conversa com os vizinhos e o passeio com os amigos ainda é tão citado quanto às outras atividades como assistir TV, ir a shopping, reforçando a idéia de uma forte vida associativa. Também é significativa a prática de atividades físicas

Após entendermos o que é tempo livre para os moradores da Vila Holândia, procuramos verificar quais eram e quais são os espaços utilizados para fruição do tempo livre na Vila e fora da Vila e como estes locais eram apropriados, se continuam sendo e como ou se foram desapropirados e os motivos desta desapropriação. O resultado destas respostas pode ser visualizado nos gráficos a seguir.

Os espaços mais usados que estão localizados na Vila ou próximos a ela atualmente são: as ruas, o Casarão do Barão, o Clube da Rhodia e o Euroamérica. Antigamente os moradores usavam mais a Mata, a Represa, a Fazenda Quilombo e a Associação de Moradores. A associação é um espaço que foi desapropriado pelos moradores, possivelemnte por conflitos causados pelo jogo de bocha. Este parece ser um exemplo de como uma prática de lazer pode levar a apropriação e desapropriação de um dado espaço. Entendendo o termo apropriação como "modos de tornar próprio, de tornar seu; também de tornar adequado, pertinente, aos valores e normas socialmente estabelecidos" (SMOLKA, 2000, p. 50) é que vimos analisando mais microscopicamente cada um dos espaços citados pelos moradores e que neste texto não será detalhado. Para que a apropriação ocorra está implicada a idéia de fazer e usar instrumentos numa transformação recíproca de objetos e sujeitos. Pol (1996) irá afirmar que a idéia de apropriação surge atrelada ao conceito de alienação, ou seja, quando nós nos apropriamos de algo, significa que lhes imprimimos marcas, que as transformamos. Assim, apropriar-se de uma prática social

ou de um lugar significa a transformação da prática produzida por outrem ou do espaço em lugar significativo ou prática significativa para o sujeito. Desapropriar é seu oposto, ou seja, é alienar-se daquele espaço ou alienar outrem..

A forma de apropriação de cada um destes locais pode ser notada pelas atividades que os moradores afirmavam usufruir no tempo livre. Os moradores afirmaram que antigamente organizavam bingo e quermesse para a construção da igreja do bairro e que após sua construção este era um local relevante para os encontros. Havia festas comunitárias e uma pessoa que fazia passeios na Mata do Quilombo com as crianças. Havia a Procissão de São Pedro, um salão na fazenda onde se faziam bailes, o Tancão (represa) era bastante usado como ponto de encontro, além disso, existia a Associação de Bairro, onde além das festas se jogava a bocha. Afirmaram também que seguidamente se instalava nas redondezas circos, que faziam a alegria da criançada. Desta forma, podemos acreditar que a igreja, a fazenda, o tancão, as ruas, a associação eram locais apropriados pelos moradores da Vila Holândia, que se empenharam não somente no desfrute de práticas que lá ocorriam, mas ajudaram a construir tais espaços, imprimiram suas marcas, transformaram um espaço liso em um lugar.

Quando perguntamos sobre que espaços e práticas os moradores tinham como referência hoje, eles responderam: às vezes tem teatro, campos de futebol, que podem ser tanto o espaço privado Euroamérica, quanto uma chácara onde os moradores jogam aos domingos, quanto o Clube da Rhodia, que alguns têm acesso. O Casarão do Barão que passou a ser uma referência controversa, já que alguns afirmam que lá fruem de diversas práticas corporais, dentre elas a ginástica, a capoeira, a dança e outros que dizem que não vão lá porque acham tudo muito desorganizado e que não é um local do qual eles podem opinar, organizar. Outro local tido como um avanço benéfico é a escola, que segundo eles mudou de lugar, saiu de dentro da Rhodia e possibilitou que todos tivessem acesso. Na escola há atividades curriculares e extra-curriculares. Os moradores reconhecem que hoje há muitos bares que trouxeram gente de fora da Vila e perigo, gente estranha circulando "o que não é bom" afirmou um morador mais antigo.

Considerações finais:

Frente a estes dados, concluímos que Barão Geraldo no início de seu desenvolvimento promoveu uma urbanização pautada em relações de solidariedade, de compadrio, de ajuda mútua, o que ainda está presente na Vila Holândia. Contudo, o bairro hoje também é parte do avanço da cidade universitária que imprimiu uma tensão a cidade ambiental, ou seja, colocou Barão Geraldo numa tensão entre o aumento desenfreado de habitação e serviços e a necessidade de preservação ambiental – isto pode ser notado na Mata, no Tancão, no Rio Anhumas. A Vila Holândia é assim formada pela tessitura destas cidades metafóricas, mas o que impera em seu entorno é a cidade imobiliária. Tal fato é percebido pelos moradores como uma moeda de dois lados, que trouxe avanços e coisas ruins. Quanto aos usos do tempo livre o que parece prevalecer hoje é a desapropriação de espaços e práticas sociais, ou seja, os moradores utilizam de espaços que ofertam práticas, mas não parecem imprimir-lhe suas marcas.

Referências:

ADORNO. *As palavras e os sinais* – Adorno (cap. Tempo Livre), 1995.

AMARAL, Sílvia. *Políticas Públicas de Lazer e participação cidadã: entendendo o caso de Porto Alegre.* Campinas, SP, 2003.

CALDEYRO, Veronica Sabatino. *As cidades que desenham Barão Geraldo* Dissertação de mestrado- Campinas, SP: [s.n.], 2005.

POL, Enric. La apropiación Del espacio**. In:** INIGUEZ, Lupicínio**.** *Cognición, representación y apropiación Del espacio* (Monografias psico-socio-ambientales) Universitat de Barcelona, 1996.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. *O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais. Cad. CEDES* [online]. 2000, vol.20, n.50, PP. 26-40

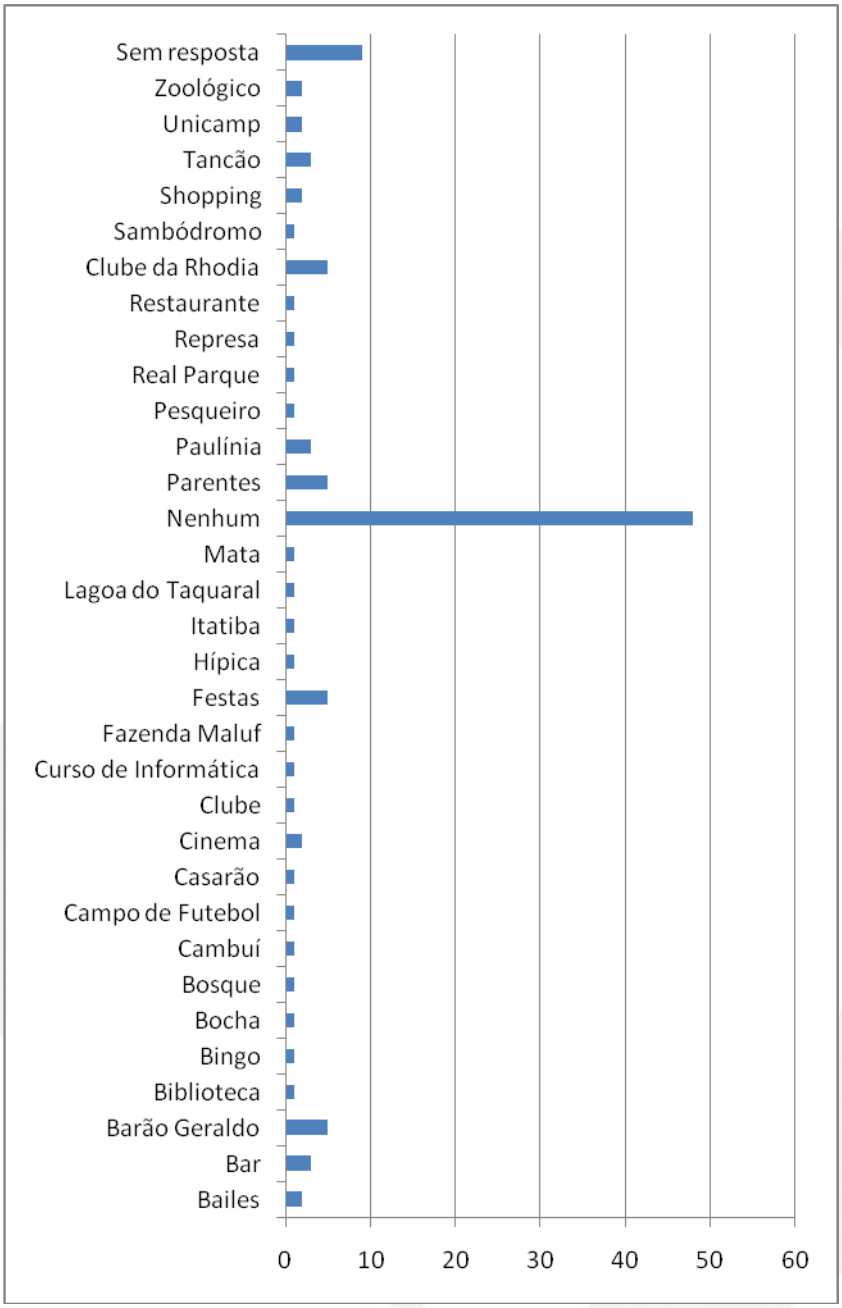

Gráfico 4 - Espaços fora da Vila Holândia que freqüentava e não freqüenta mais no tempo livre

Disponível em: http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/XVII_CONBRACE/2011/index
ISSN 2175-5930

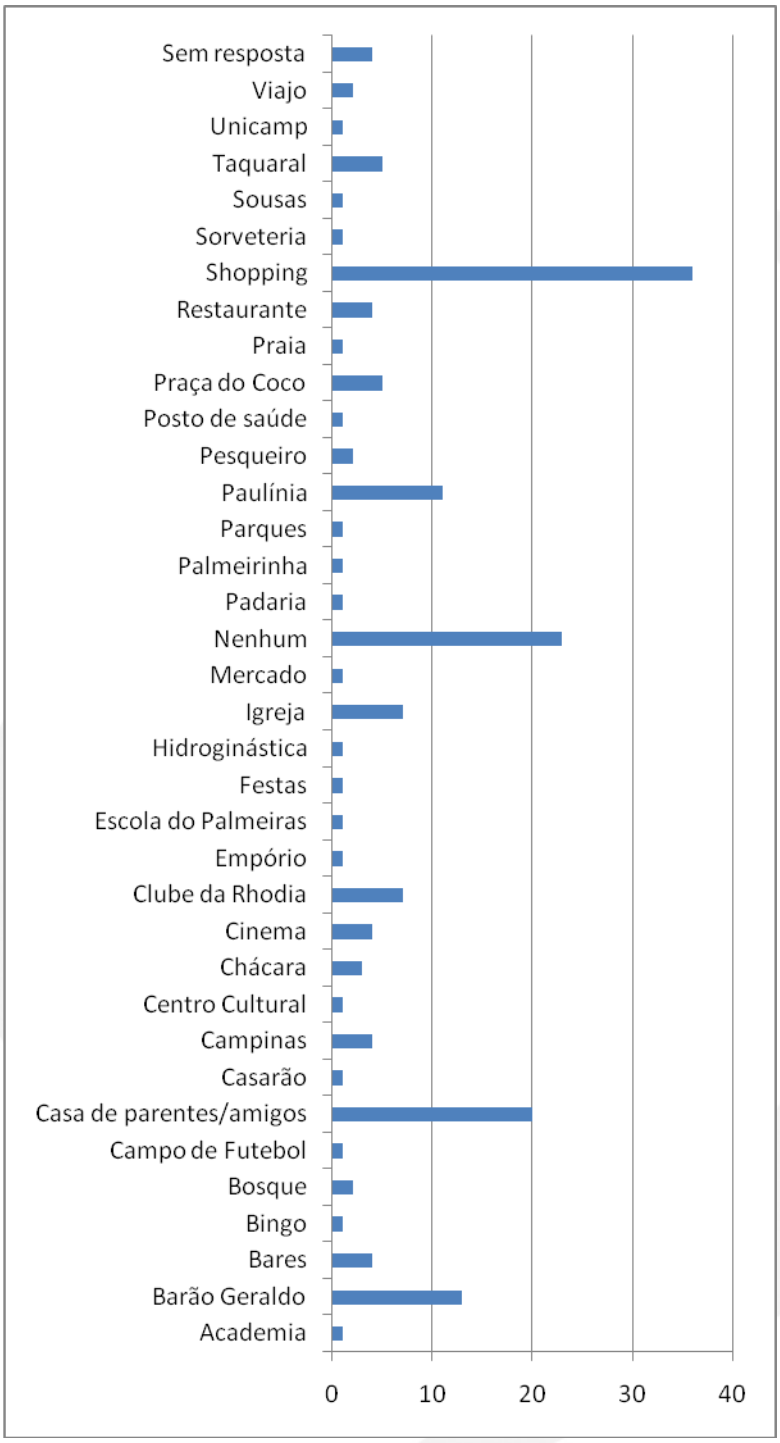

Gráfico 5- Espaços fora da Vila freqüentados pelos moradores no tempo livre

Nesta etapa em que nos encontramos da pesquisa decidimos nos empenhar em um "mergulho mais profundo" em alguns dos locais mais relevantes para os moradores, procurando entender como os moradores se relacionam com tais espaços, que sentido eles dão as práticas que fruem lá. Assim, estamos estudando o Casarão do Barão, A escola Francisco Alvarez, O Clube da Rhodia, A Associação de moradores, que embora extinta é bastante citada por eles, as ruas e um resgate da história oral e fotográfica da Vila. Apresentamos a seguir, tomando o mapa da Vila como referência os projetos de pesquisa de cada local onde os moradores afirmaram fruir seu tempo livre, algumas fotos e o relatório de cada um dos projetos.